

OUTRO OLHAR, OUTRA VISÃO

Vivemos sob o signo do **olhar**, sob o impacto da **imagem**, da sociedade do espetáculo. Nunca como hoje o **olhar** adquiriu tanta soberania e status diante dos outros sentidos; no entanto, é o sentido mais violentado pela quantidade de imagens despejadas sobre nós a todo momento.

O ser humano primitivo tinha um **olhar** limitado pelas suas necessidades; já o ser humano pós-moderno, devido à complexidade da vida, ao progresso da ciência e da tecnologia, está ficando com um **olhar** truncado pelas imposições artificiais criadas; cerceado em sua **visão**, ele não sente a realidade; agredido pelo acúmulo de imagens, ele não se deixa “afetar” por nenhuma delas. “**Vê**” tudo e não “**olha**” nada.

A urgência em “ver” tudo tira a atenção e o tempo necessário para poder “**olhar pausadamente**”.

Pobre **olhar!** Prisioneiro do sistema, é manipulado e não dá sentido à realidade captada, não rompe, não vai além, não busca o novo nem faz mudanças... Portanto, um **olhar** desprovido de sentimento, de imaginação, de profundidade, de horizontes....

Treinado para ver o mundo através da lente das grandes redes de poder, de manipulação e de acordo com seus interesses, o **olhar** estreita-se, o mundo torna-se opaco e a superficialidade da visão não capta o “mistério” das coisas e das pessoas.

O “**olhar contemplativo**” está perdendo sua força criativa; marcado pela ansiedade de querer “ver” tudo ao mesmo tempo, a pessoa não é mais capaz de fazer uma “pausa” para se deixar “ver” pela realidade.

Markado pelo olhar do racionalismo, ela tudo examina, compara, esquadrinha, mede, analisa, separa... mas nunca “exprime”. Daí o **olhar** reprimido, desviado, insensível, frio, duro, ríspido...

Este é o pecado contra o **olhar**: olhar supérfluo e imediatista, olhar esquizofrênico e narcisista, olhar morno, sem vibração, sem brilho, sem assombro... Nesse olhar não há lugar para a admiração, nem para a acolhida e a presença do outro. Só existe o olhar que “fixa”, escraviza e aliena.

Na verdade, o que imobiliza e petrifica é o olhar que se fecha no egocentrismo, que não se abre ao outro numa atitude de respeito, de fidelidade criativa. “*Nossa civilização, que já ultrapassou a era do trabalho escravo, ainda está na era do olhar escravo*” (Eugênio Bucci).

Sentimos a urgência de uma conversão do **olhar**; é preciso que o olhar busque a sua libertação de tudo aquilo que o oprime, o manipula e o intimida; há necessidade de recuperar o direito de olhar... de ver e de ser visto. Um **olhar** gratuito e desinteressado, “janela da alma”, que expande o ser humano numa atitude acolhedora de tudo que o rodeia; olhos que possibilitem o trânsito do olhar, revelando a interioridade e dialogando com o exterior, num movimento de ir e vir constante e interpelativo, onde ocorre a contínua criação de si, do mundo, do outro.

É possível debruçarmos sobre o mundo, a história, a vida, através do **olhar**. Recuperar o **olhar** que expressa acolhida e comunhão, olhar carinhoso que rompe a distância e a rejeição.

O **olhar** verdadeiramente humano não é um olhar de medusa, possessivo, mas um “**olhar contemplativo**”, que admira e acolhe o ser olhado e comunga sinfonicamente com ele.

O olhar contemplativo, que vê todas as criaturas e todas as pessoas, admirando-as e amando-as na singularidade do seu mistério, é um olhar feliz, pacífico e encantado.

Por ser um “**olhar encantado**” quer ver e olhar, admirar e contemplar sempre mais em profundidade, comprometendo-se com a realidade que o cerca.

Se nosso olhar se detivesse por um tempo em pousar e repousar no que ele vê, descobriria também que todas as coisas nos olham, que todas as coisas oram.

“Uma das verdades fundamentais do cristianismo, verdade por demais desconhecida, é esta: o que salva é o olhar” (Simone Weil).

O cristão é aquele que conserva límpido os seus **olhos interiores**, prontos para perceber a **maravilha** que está germinando em sua vida. Movido por um **olhar novo**, ele acolhe a **surpresa** de Deus, passa a ser **surpresa** para os outros, com seu gesto de amor imprevisto, com sua palavra que reanima, com sua visita que consola, com sua atenção para com todos os que levam uma vida obscura e monótona.

Com o **olhar**, podemos transformar uma pessoa, destruí-la ou reconstruí-la, aniquilá-la ou fazê-la renascer, restituí-la a si mesma e ao futuro, fazê-la chorar ou consolá-la, expressar-lhe ódio, indiferença ou amor...

É preciso purificar o **olhar**, cristificá-lo.

*“Quando penso em Jesus, imagino o seu primeiro **olhar** à sua mãe Maria no fundo da manjedoura ou o seu último **olhar** que Ele lhe dirige do alto da Cruz” (Kahlil Gibran)*

Podemos imaginar o momento do primeiro olhar... Surpresa, espanto, comoção, gratidão, alegria...! Maria descobre no rosto do Menino o seu próprio rosto, porque Jesus é apenas seu. O Menino reflete-se no rosto

da Mãe. Naqueles olhos que se entrelaçam e se contemplam mutuamente, descobre-se o **novo olhar** de Deus sobre o ser humano, e o novo olhar do ser humano sobre Deus e sobre os irmãos.

Contemplar o **rosto** do outro é sentir sua presença, sem pré-conceitos e pré-juízos..., vendo nele o sinal da ternura de Deus. Passar da **contemplação** à **acolhida**: este é o movimento da oração dos olhos.

Apreender tudo que há de invisível naquilo que vemos. Ir até aquele ponto inacessível onde se encontram os **olhares**. Aqui o **“ver”** torna-se **“visão”**; e a **visão** torna-se **união**.

Muitas vezes, o presente mais precioso que podemos dar a alguém é um **olhar** diferente; o futuro, a acolhida, o perdão, a alegria... dessa pessoa podem depender desse **olhar** novo, cheio de afeto e confiança.

Em muitas situações difíceis da vida, o que salva é o **olhar**.

Num contexto de relações afetivas, onde os **sentimentos** são determinantes, qualquer caminho de volta ou de diálogo inicia-se sempre com um **olhar** conciliador ou reconciliador.

“Os olhos são as janelas da alma”

Encantam-nos os olhos que irradiam simplicidade, transparência e surpresa. Com certeza, o olhar de uma pessoa diz muito mais de quem ela é. Ficamos penalizados diante de olhares tão tristes, tão vazios, tão superficiais e, inclusive, perdidos. Por isso, cativam-nos os olhos das pessoas que transmitem vivacidade e liberdade.

Teus olhos “veem, olham ou apreciam”?

Segundo S. Inácio existem três momentos ou tempos diferentes no ato de perceber uma realidade. Ao **“ver”**, observamos uma realidade e distinguimos cores, formas, tamanhos, etc. É um ato passivo pelo qual deixamos que a realidade apareça diante de nós.

Ao **“olhar”**, colocamos “intencionalidade” no ato de ver. Quando olhamos, a luz da razão se põe em movimento. No entanto, **“apreciar”** (saborear), é algo completamente diferente. Ao apreciar, não só a realidade se faz presente diante de nós, ou com a ajuda da razão conhecemos e examinamos a realidade, senão que nos conectamos com o nosso mundo afetivo. No exercício de apreciar está nosso mundo interior percebendo uma realidade concreta.

“Apreciar” (saborear) é, de alguma maneira, olhar com as entranhas, com o coração, com os sentimentos mais profundos de nosso interior. Por isso que no ato de apreciar se revela o mundo interior que nos habita. Se há amor em nosso interior, amoroso será nosso olhar; se há compaixão, compassivo será nosso olhar; se há perdão, misericordioso será nosso olhar.

Se olhamos a realidade a partir da fria razão, talvez não exista uma única pessoa sobre a terra que possa ser declarada inocente. Mas se “apreciamos” os outros, a partir do profundo de nosso ser, a partir dos sentimentos de amor, compaixão e perdão, nossos olhos se encontrarão com a beleza que está escondida por detrás da “casca de apatia” que cobre o coração do ser humano.

Assim como a Encarnação do Verbo foi determinada a partir de um **“olhar”** que saiu do coração de Deus, que pousou sobre Maria e que voltou ao Seu coração, estremecendo-O de compaixão e movendo-O à ação, assim também deve ser o nosso olhar: compassivo, esperançador e comprometido com o mundo à nossa volta, movendo-nos em favor da vida.

A partir deste momento, as relações com Deus, com os outros com a criação, descobrem-se beneficentemente contagiadas por este entrelaçamento de olhares, que marca um novo estilo de presença, fundada na fraternidade, no respeito, na acolhida compassiva...

A arte de viver consiste, fundamentalmente, em chegar a olhar tudo com o coração. Só o coração descobre em tudo as pegadas da Presença Última, que olha a partir do rosto de cada pessoa, a partir da beleza de cada criatura. O amor nos abraça em tudo quanto captamos pelo olhar.